

BERNARDO CARVALHO

# Simpatia pelo demônio



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Bernardo Carvalho

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Claudia Espínola de Carvalho sobre detalhe de *São Cristóvão carregando o Menino Jesus*, Hieronymus Bosch, c. 1490, óleo sobre tela, 113 × 72 cm. Museum Boijmans van Beuningen.

*Preparação*

Márcia Copola

*Revisão*

Angela das Neves

Jane Pessoa

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Carvalho, Bernardo

Simpatia pelo demônio / Bernardo Carvalho. — 1ª ed. —  
São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2780-1

1. Romance brasileiro I. Título.

---

16-05650

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira

869.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

## I. A AGÊNCIA HUMANITÁRIA

*Como se eu tivesse querido escapar ao abraço de um monstro  
e o monstro fosse a violência dos meus movimentos.*

Georges Bataille, *História do olho*

1. “Vai ter que ir sozinho”, o diretor disse, ainda agachado, depois de desligar o vídeo, sem levantar os olhos para o homem que continuava em pé diante dele. “Vai ser a sua escola”, prosseguiu, enquanto fechava as gavetas e guardava os documentos na pasta, evitando olhar para o subordinado que recebia a missão em silêncio. O diretor era um homem de bem mas que o poder tornava intratável sempre que era obrigado a agir a contragosto. E ali, embora a rigor não contrariasse suas convicções pessoais, contradizia o estatuto que ele próprio ajudara a redigir e que regia a agência sob seu comando. Mantinha os olhos baixos para evitar as perguntas que não deviam ser feitas. Marcou a reunião para depois do expediente, de propósito. Esperou todos saírem para comunicar ao Rato a missão. Os dois eram os últimos no prédio, fora os seguranças e a equipe de faxina, que não contavam, podiam passar por sombras, não estavam ali para imaginar o que se discutia a portas fechadas. Não fazia nem meia hora que a secretária entrara na sala para avisar que já estava indo embora, antes de eles começarem a assistir aos vídeos, mas era como se a

mesa dela estivesse intocada desde sempre, uma instalação cercada por um cordão de isolamento num museu sem visitantes. Não era só a antessala onde ficava a mesa da secretária; não eram só as salas adjacentes e o corredor que levava ao hall dos elevadores do nono andar; nem era só o nono andar — o prédio inteiro parecia abandonado àquela hora, embora continuasse aceso, brilhando na distância, como um farol a sinalizar o caminho em meio à tempestade. Já não era a imponência alegórica da estátua da Liberdade a receber os imigrantes que no passado chegavam de navio, fugindo da guerra, da miséria e do horror, mas pelo menos estava ali, sempre reluzente entre os outros prédios, à vista de quem vinha do aeroporto, antes de atravessar o East River. Mesmo quando restava um único funcionário até mais tarde, aguardando uma ligação urgente de algum canto remoto do planeta, onde o dia apenas começava e de onde precisavam remover alguém às pressas; mesmo quando não havia mais ninguém no prédio nem nenhuma questão de vida ou morte a ser resolvida do outro lado do mundo, depois de sair o último faxineiro, de madrugada, quando os seguranças se recolhiam às cabines blindadas do térreo e, num momento de distração, fechavam os olhos, vencidos pelo cansaço, mesmo então, quando já não eram necessárias, as luzes continuavam acesas, a cintilar ao longe, como estrelas mortas, para que ninguém fora dali se sentisse desamparado em seu sono, para que nunca passasse pela cabeça de ninguém que eles pudessem parar de trabalhar, nem que fosse por alguns segundos, pelo bem-estar da humanidade.

2. Não tinha a ver com o medo. Era um sentimento que ele desconhecia, que ele nunca experimentara e que via pela primeira vez no vídeo, como se os sentimentos fossem para ser vistos, o que tornava a cena ainda mais sinistra e revoltante. Na

verdade, não era um sentimento. Era outra coisa. O rapaz estava vestido com um macacão cor de laranja, desses que os detentos usam nas prisões americanas e que, como provocação e desafio, os jihadistas adotaram, por reciprocidade, como uniforme dos reféns que serão executados. O rapaz olhava para a câmera e começava a falar. Falava sem hesitação. Não fosse o aspecto doentio, os olhos baços e a palidez reforçada pelo contraste com a cor vívida da roupa, poderia passar por um político discursando em rede nacional. O fundo era preto e ele estava sentado, com os braços apoiados na mesa a sua frente. Fora o esgotamento, que era visível, físico, nada na sua expressão traía o que ele dizia. Nenhuma lágrima, nenhuma contradição, nenhuma hesitação, nenhuma mensagem subliminar. Ele dizia: “Meu país me abandonou onde nós não deveríamos estar, numa guerra que não é nossa. Guiado por uma política externa desastrosa, depois de se ver obrigado a abandonar uma guerra invencível, nosso governo se prepara para enviar o exército para mais uma tragédia. Eu sei o que vocês estão pensando. Vocês acham que estou falando sob coação, que meus algozes estão me forçando a dizer coisas. Ninguém está me forçando a nada. Não tenho a quem recorrer. Fui abandonado. Em um mês serei decapitado porque meu país se recusa a negociar com meus captores, ao contrário de outros países que já compreenderam qual é a única maneira de salvar seus cidadãos. Meu país não liga para seus cidadãos. Estamos às vésperas de mais uma guerra perdida, na qual nossos soldados afundarão, como afundaram antes, aniquilados pela força do exército de Deus. Enquanto isso, vocês são bombardeados e manipulados por uma mídia que serve aos interesses da política de equívocos promovida por nossos governantes. E somos nós — você e eu — que pagamos por isso”.

O depoimento prosseguia com o prisioneiro justificando sua conversão religiosa. O Rato conhecera o rapaz. Trabalhara

com ele. Era um homem digno, que não acreditava em Deus nem podia acreditar depois de tudo o que vira em seu trabalho de agente humanitário em zonas de conflito. Nunca diria um texto daqueles de livre e espontânea vontade. Ao que parecia, naquela sala e naquele vídeo ninguém agia por livre e espontânea vontade. Nem o diretor, nem o Rato, nem o refém. Era um vídeo estranho. Quem falava já não era o rapaz que ele conheceu. Era outro homem. O rapaz não estava ali. Não era medo. Não havia correspondência entre o que ele alguma vez sentira e o que estava dizendo, entre o homem e a palavra. Dizia o que não pensava e o que não sentia, porque pensar, sentir ou dizer já não tinha nenhuma correspondência ou importância. Eles o esvaziaram até que suas palavras já não conferissem nenhuma verdade ao que dizia. Que tipo de torturas mentais e físicas ele teria sofrido antes de se prestar àquele papel repulsivo?

“É isso que você quer saber, não é? Onde foram parar os sentimentos. É isso que mais te intriga, não é?”, o diretor perguntou ao Rato, agachado a seu lado, ainda sem olhar para ele, procurando no controle remoto o botão que desligava o vídeo.

3. O diretor fez questão de que o Rato visse o vídeo de uma degolação e a mensagem que o pai do rapaz gravara para enviar ao filho em cativeiro, antes de lhe mostrar o depoimento do filho. Era como se tentasse ao mesmo tempo se justificar e convencê-lo. No primeiro vídeo, um homem que o Rato desconhecia, vestido com o habitual macacão cor de laranja, estava ajoelhado no deserto, o sol a pino, olhando para a câmera. A seu lado, em pé, um homem encapuzado, vestido de preto, segurava o ombro do prisioneiro com uma das mãos e uma faca com a outra. Era o modelo das execuções registradas pelos terroristas e disseminadas pela internet. O prisioneiro se despedia da família,

pedia desculpas, dizia que lamentava não ter passado mais tempo com eles. Estava exausto. Exausto de ser torturado. Mal terminava o que tinha a dizer e o homem encapuzado já estava curvado sobre ele, a lhe cortar o pescoço.

O Rato só percebeu que fechara os olhos quando voltou a abri-los e deparou com o diretor a observá-lo. Era a primeira vez que seus olhares se cruzavam desde que ele entrara naquela sala.

O que o pai do rapaz dizia diante da câmera, no vídeo ao qual o diretor e o Rato assistiram em seguida, mostrava que ele já não acreditava na libertação do filho. “A família compreendeu nossa política de não negociar com os sequestradores e está resignada. O vídeo é uma despedida”, o diretor explicou ao Rato, enquanto assistiam ao depoimento, para que ele entendesse o que estava em jogo naquela missão. O que o pai do rapaz dizia no vídeo era uma declaração de amor ao filho à beira da morte: “É tarde para me desculpar. Se você está aí, é pela sua coragem, pelo homem que você é e que eu admiro, mas também pela educação que nós te demos. E, se por um lado estou e sempre estarei orgulhoso de você, por outro, me arrependo de não ter criado um covarde, porque pelo menos ainda o teríamos ao nosso lado”. Nessa hora, as lágrimas que até então eram imperceptíveis, em parte pela má qualidade da imagem e em parte pela expressão impassível no rosto do pai, começaram a empapar a camisa azul-clara de uma mancha que avançava com a rapidez de uma inundação. O rosto continuava impávido como o de um herói diante da força, mas a camisa ia escurecendo, como uma folha de papel queimada por uma chama invisível, conforme o homem prosseguia, despedindo-se do filho que ele não podia ver mas que àquela altura ainda imaginava vivo.



4. O diretor tinha seus motivos para mostrar os vídeos ao Rato. Estava constrangido. Se o posto não lhe permitia dizer o que pensava, queria pelo menos deixar clara sua contrariedade. Os vídeos revelavam a vergonha da operação que, violando as normas da agência, ele agora se dizia forçado a propor ao Rato. Em desrespeito à política com a qual justificava, em nome da segurança de seus funcionários e obedecendo às diretrizes dos Estados que financiavam a agência, nunca negociar com terroristas, nem mesmo para salvar a vida de indivíduos como o rapaz que aparecia no vídeo e que àquela altura já devia estar morto, agora o diretor, cedendo a instâncias superiores, se prestava a enviar um funcionário para pagar aos terroristas o resgate por um refém cuja identidade ele dizia ignorar. Por razões excepcionais que deveriam permanecer secretas e que contrariavam as regras que, uma vez adotadas, valiam para todos, a agência se via envolvida numa operação escusa para salvar um desconhecido que podia ser um espião ou até um criminoso de guerra. A missão do Rato — e aí o diretor voltou a desviar os olhos — se resumiria a fazer o resgate chegar às mãos dos sequestradores, como se ele agisse por conta própria, sem envolver a agência e muito menos os Estados — ele os mencionava no plural, em abstrato, para não comprometê-los — que haviam instituído a política da não negociação mas cujos interesses, segundo o diretor dava a entender, estavam em jogo naquele sequestro; Estados dos quais, por mais independente que fosse, a agência continuava a depender. Para complicar a situação, os sequestradores faziam parte de um grupo até então desconhecido, com o qual a agência não tivera nenhuma comunicação prévia. Bastaria fazer o dinheiro chegar às pessoas certas. O Rato não teria contato com o refém. Não conheceria sua identidade. Não o encontraria. “E como é que vocês pensam desvincular minha ação da agência?”, o Rato

perguntou, menos por provocação do que por sincera perplexidade. “Vamos demiti-lo”, o diretor respondeu, também perplexo com a pergunta, enfim encarando o subordinado.

5. O princípio de uma missão secreta é permanecer secreta, a menos que os principais envolvidos estejam divididos quanto ao mérito da questão. Gente importante dentro da agência teria razões de sobra para sabotar essa ação antes de ela ter início. Bastaria lançar o rumor. Os assuntos confidenciais, uma vez alardeados, são sempre os que circulam com maior rapidez, pela inércia de uma excitação transgressora, muitas vezes fora de lugar, substituta de alguma necessidade individual, interior, uma carência, uma neurose, um recalque. Revelar operações secretas é o que resta a quem não participa delas. Nesse caso, entretanto, era o próprio diretor quem em princípio mais interesse deveria ter num vazamento. A missão abria uma exceção moralmente insustentável diante das vidas de funcionários que, por cumprimento das regras internas da agência, não puderam ser negociadas e que terminaram sob a lâmina dos punhais. Se por um lado, como alegava o diretor, o futuro da agência dependia do cumprimento daquela missão, por outro, manter sigilo significava não só romper com as diretrizes internas mas compactuar com um pragmatismo abjeto. E era o que mais o irritava e constrangia, aparentemente. Precisava de um funcionário de confiança, que pudesse pagar o resgate em sigilo, sem nenhum vínculo com a agência ou com os Estados dos quais a agência dependia. O segredo seria garantido pela própria improbabilidade da operação. E a escolha do Rato, um homem que nada tinha de agente secreto, era a mais improvável de todas. Ao mesmo tempo, o fato de não faltarem motivos para sua demissão tornava-o àquela altura o candidato ideal. Era impossível associar sua demissão iminente e inevitável ao acobertamento do que quer que fosse, a

menos que ele mesmo o confessasse — mas confessar o quê, se não saberia nada, não conheceria os verdadeiros mandantes nem o refém? Além disso, era muito improvável que, uma vez demitido, alguém como ele aceitasse participar de uma operação que só poderia humilhá-lo ainda mais. No final das contas, o diretor não lhe propunha uma missão; estava lhe pedindo um favor e um sacrifício, por tudo o que já fizera por ele e pelo futuro da agência.

6. O Rato era um profissional tarimbado, com experiência de guerra, quando sua tese de doutorado, cuja publicação coincidiu com sua ascensão fulgurante dentro da agência humanitária, mudou o modo de intervir em zonas de conflito interétnico e inter-religioso. A reputação dele, a despeito dos desafetos, desde então só cresceu. E, se acabou destruída em questão de horas, a responsabilidade foi toda sua, consequência de um mau passo que lhe revirou a vida pública e privada uma semana antes de ele ser chamado à sala do diretor para uma conversa que, pela sincronia, só podia tratar da sua demissão. Não esperava ouvir o que ouviu. A ruína fez a ocasião: sua situação profissional insustentável dentro da agência era o disfarce perfeito para uma missão que o diretor não podia propor a mais ninguém.

Aceitá-la só expunha o Rato ao risco de mais desonra, no caso de tudo vir a ser descoberto, para não falar no risco de vida, admitindo que a sua valesse bem menos que a do desconhecido que ele devia salvar. Também não podia descartar que os supostos mandantes — os Estados ou quem quer que estivesse por trás da ação — viessem a tomar providências para eliminá-lo, por questões de sigilo e segurança, uma vez cumprida a missão. O

Rato podia ter seus defeitos, mas não tinha vocação para mártir, nem era do tipo aventureiro, que tira proveito pessoal do risco. Tampouco era arrivista ou submisso a ponto de arriscar suas convicções para agradar superiores. Não tinha por que vestir a camisa da agência se fosse para abrir mão da razão e do bom senso, ainda mais depois de ser demitido. Não dispunha do altruísmo inviolável ou do cinismo que é capaz de justificar o desapego pessoal, em nome do trabalho, com respostas tão abstratas e automáticas quanto a da vocação humanitária desinteressada, que além do mais não cabia naquele caso. Se havia algum bem a colher para a agência, como alegava o diretor, seria a longo prazo e por meios que a conspurcavam. Em princípio, não havia explicação para o que o levava a aceitar, depois de demitido, uma missão para a qual não fora talhado e que contradizia o estatuto da agência para a qual trabalhara por quase trinta anos. Não tinha nada a ganhar. Teria de ir só, como um espião, e no caso de alguma coisa dar errado, no caso de perder o controle, no caso de vir a ser malsucedido, também cair só, pagando sozinho pelo desmando, não apenas com a reputação já comprometida mas talvez com a vida. Era preciso conhecê-lo bem — ou intuir o momento, como fazia o diretor — para supor que aceitasse o sacrifício. Porque aquela era uma missão suicida. “Por que não mandam um agente secreto, gente que trabalha na área?”, o Rato afinal perguntou. “Porque não há consenso entre os principais interessados. Preferimos não correr riscos. Ninguém melhor que você para esse papel”, o diretor desconversou, dando a entender que havia coisas das quais não podia falar e que talvez fosse melhor o Rato não saber. Ele teria de tomar decisões com a autonomia e a independência de quem age por conta própria, à revelia dos chefes, embora na verdade apenas seguisse ordens de chefes cuja identidade desconhecia. Assim, no caso de falhar, não levaria a agência humanitária consigo em

sua queda autônoma e independente. Em caso de urgência ou de algum imprevisto, não teria com quem contar. Não haveria a quem recorrer. Sofreria todas as consequências sozinho. Teria de arcar sozinho com a responsabilidade de seus atos. Como um agente secreto, justamente. Um anjo caído. A missão seria sua escola na vida que começava fora da agência.

7. Nada explicava sua presença ali, numa zona de guerra onde ninguém queria estar e onde, paradoxalmente, ele não estaria se ainda trabalhasse para a agência humanitária. Aqueles que o receberam e os que ele contratou ao chegar não estavam ali para fazer perguntas. Não precisavam saber que ele trabalhara para a agência, que já não trabalhava para a agência, nem que, demitido, seguia trabalhando para a agência secretamente. As explicações seriam demasiado complicadas e só levantariam mais suspeitas, aumentando os riscos. Aqueles homens conheciam as próprias atribuições e, se é que suspeitavam de alguma coisa, deviam se contentar com o que recebiam para fazer o que lhes era pedido sem entrar no mérito ou nas razões de quem pagava. Mas a figura do Rato não ajudava. Seria natural que não tivessem vontade de perguntar nada e agissem como mercenários profissionais, se a solidão do homem que os contratava não expressasse uma forma insistente e provocativa de charada. Estava completamente só. E, embora insondáveis, suas razões também eram demasiado profundas para que, na falta de interlocutores e de perguntas, não emergissem naturalmente em modos e gestos, apesar de sua discrição e de seu silêncio, à maneira de um trauma recalcado que se manifesta fora do lugar, onde menos se espera. A pulseira que ele usava, por exemplo, podia ter função de combate no braço de outros homens, guerreiros de culturas exóticas, mas de nada servia no braço do funcionário de uma

agência internacional encarregada de promover a paz ou no braço de um homem encarregado de pagar o resgate por um refém que não conhecia. O Rato colecionava adornos de guerra dos povos que visitara a trabalho, adornos que obtivera por meios no mínimo pouco condizentes com as funções dele. Comprara as pulseiras por ninharias — quando não as recebera de graça, como presente —, e nunca sofreu da má consciência de se aproveitar dos homens que ajudava. Realizava seu trabalho com competência, nunca lhe passou pela cabeça perder a oportunidade de adquirir os objetos que mais cobiçava, pelo preço que conseguisse, de preferência o mais baixo. Esse comércio era um vício menor, ao qual os superiores da agência faziam vista grossa mas que irritava os colegas. As pulseiras eram um detalhe diante de sua reconhecida capacidade profissional. Ele as usava como amuletos. E, embora não fosse um homem supersticioso, havia quem especulasse que também se servisse do trabalho humanitário para se proteger de uma ameaça ainda maior do que qualquer atentado ou qualquer guerra, como se procurasse o horror para se desviar de si, para evitar o destino a que estaria condenado longe do perigo.

É possível visitar o horror alheio e sair ileso, mas ninguém escapa ao próprio horror. Espalhado por desafetos dentro da agência, o boato de que ele tirava proveito do sofrimento dos povos que visitava, na verdade nasceu da propaganda que ele mesmo fazia de suas pechinchas, como um adolescente a se gabar de conquistas amorosas, só para provocar, por oposição ao arrivismo e à hipocrisia dos colegas enredados em cálculos e estratégias diplomáticas de autopromoção às custas da dor alheia. Não precisava de nada daquilo. A aparente inabilidade e a indiscrição com que revelava seus pequenos negócios eram vistas pe-

los colegas como confirmação de sua arrogância. As pulseiras não serviam apenas para que o reconhecessem, mas para que o difamassem. E, em vez de se defender, ele alimentava a difamação, deliberadamente, com mais mal-entendidos. Como se não bastasse colecionar antigos adornos de guerra dos povos que visitava em missão humanitária — objetos que ele adquiria, como fazia questão de alardear, em tom de bazófia, de maneira pouco condizente com a ética humanitária —, também anotava, para depois repetir em recepções e reuniões sociais, preconceitos e injúrias que circulavam desde tempos imemoriais entre esses povos e que muito contribuía para promover a suspeita e as guerras entre eles. O estranho é que os repetia, rindo, como piadas. Seu interesse, ou melhor, sua obsessão por esses preconceitos disseminados entre os povos que conhecia, e precisamente porque os conhecia, em vez de reproduzir a ignorância e o ódio que grassava entre eles, tinha por objetivo ajudar a compreendê-los, sem paternalismo, como vítimas da má-fé e da opressão que eles mesmos alimentavam uns contra os outros. Decorava as injúrias e as repetia às gargalhadas, como quem recitasse poemas grotescos, sempre que a ocasião se apresentava, para um público consternado e horrorizado, enquanto na intimidade compunha poemas singelos que ninguém lia: “Os furacões deixaram frestas/ por onde agora passa uma brisa/ indireta e maligna/ que resfria quando menos se espera”.

Sobre os N., por exemplo, os preconceitos reproduzidos havia séculos entre os K. e os V., seus vizinhos a noroeste e a nordeste respectivamente, insuflavam a ideia de que todo comércio com eles era uma forma de traição, de modo que não se podia excluir a possibilidade de que o infeliz inocente que estabelecesse algum tipo de troca com os N. terminasse perdendo tudo, às

vezes até a vida. Se essa era uma desconfiança embutida em todo contato entre os povos da região, assombrando como não dito o comércio entre eles, explicitá-la exclusivamente com relação aos N. equivalia a condenar sua economia ao esgotamento, e os próprios N. a bodes expiatórios de uma desconfiança comum a todos os povos da região.

Em relação aos V., ele repetia, fazendo eco aos N. e aos K., vizinhos a oeste e a sudoeste respectivamente, que era melhor dormir ao relento do que na casa de um deles, pois tinham o mau hábito de estuprar as mulheres de seus hóspedes e em seguida roubar suas crianças. Repetia aquela ficção com uma ênfase que reduzia os ouvintes, os quais não compreendiam a ironia da provocação que ele lhes propunha, à impotência da falsa moral e de uma indignação sem conhecimento de causa, ao constrangimento da própria ignorância, expostos a seus próprios preconceitos e limites, confrontados com a falta de argumentos que lhes teriam permitido calar o especialista abjeto.

8. O diretor sabia quem era o homem que ele convocava a sua sala depois do expediente, com a intenção de lhe fazer uma proposta indecorosa, supondo que pudesse aceitá-la. O Rato estava com cinquenta e cinco anos. A mulher o deixara dois anos antes, levando a filha de sete anos para Berlim. Desde então, ele envelheceu proporcionalmente mais do que nos vinte e sete anos em que trabalhou para a agência humanitária, vinte e dois deles em Nova York, dez no comando da seção que cuidava das zonas de conflito interétnico e de religião. Sempre aparentou menos idade do que de fato tinha. Agora o rosto abatido estampava a idade real, mas como se tivesse levado uma surra. Ainda amava a mulher quando ela o deixou. Na verdade, seu amor por ela não diminuiu; mudou. Nos meses que precederam a separação, a possibilidade de magoá-la, que antes, quando era remota,



lhe parecia uma eventualidade colateral a qualquer relação amorosa (para não dizer um ingrediente inconsciente e necessário), passou a primeiro plano e a dilacerá-lo. O amor tinha se dividido, tinha se tornado demasiado consciente e reflexivo. Não é que o Rato já não quisesse viver com a mulher, mas já não podia vê-la sofrer. No início da relação, sob o pretexto de protegê-la, a fragilidade da mulher o atraiu. Achava que não pudesse vê-la chorar, mas no fundo o choro o seduzia. Inconscientemente, associava o amor ao sofrimento, o amor se confundia com a violência. E precisava manter essa associação inconsciente para poder amar. Assim como a consciência total do corpo não permite viver, bastava tomar consciência da dor potencial do amor para que o sexo se tornasse impossível. O germe dessa consciência cresceu com o nascimento da filha e se impôs aos poucos ao casal. Quando se separaram, já não dormiam juntos fazia dois anos. De qualquer jeito, no que se referia à vida privada, o Rato era a discrição em pessoa e, embora na época muitos na agência tivessem comentado e especulado, ninguém imaginou o que estava por trás da separação. Ele passou a viver só. Quando se ausentava por mais de uma semana, se não fosse por causa de alguma reunião internacional, era para estar perto da filha, em Berlim, de modo que tampouco desconfiaram que podiam ser outros os motivos quando ele começou a declinar uma missão depois da outra. Acabou pedindo ao diretor um ano sabático. Estava esgotado, já não tinha condições de cumprir com nenhuma obrigação. E, depois de adiar a decisão por mais de um ano, o diretor afinal lhe concedeu a licença que ele pedia e que começaria a desfrutar em dois meses se nada tivesse acontecido.

Entre os documentos que o diretor tinha separado para ele, havia um manual de sobrevivência em zonas de conflito, para

marinheiros de primeira viagem, escrito por agentes mais jovens e com menos experiência do que ele mas que haviam passado meses em cidades que ele já não reconheceria e cujas regras agora variavam de bairro para bairro e dependiam não apenas do grau de selvageria da facção no comando das ruas, mas da violência dos ataques exteriores. Dependendo da cidade, cortavam os dedos dos fumantes entre a rua tal e tal. Duas quadras acima, se é que ainda havia mulheres, elas só podiam sair acompanhadas. E, três ruas a oeste, as decapitações semanais ocorriam para plateias de crianças. Mas também podia não haver nenhuma dessas atrocidades e o dia a dia seguia um ritmo aparentemente normal, não fosse a precariedade dos meios e as ruínas onde antes havia prédios. Ele folheou o manual com interesse genuíno, buscando informações que pudessem ser úteis. Sua competência podia ser testada em guerras étnicas e inter-religiosas, mas aquilo ali não tinha nome, era o caos de uma guerrilha inédita entre facções que mal se distinguiam entre si, que continuavam a se multiplicar como as células de um tumor e que eram capazes de executar sem piedade os chefes umas das outras depois de terem lutado juntas, na mesma coalizão, pelo mesmo objetivo. Vencido o inimigo comum, só lhes restava voltar-se contra os aliados.

Em seu primeiro ano na agência, o Rato salvara um recém-nascido dos assassinos que destruíram sua aldeia e mataram seus pais. Anos depois, atravessara um campo minado com uma criança nos braços. Negociara tréguas pouco duradouras entre povos que nunca cessaram de guerrear. Escapara a meia dúzia de emboscadas e atentados. Convencera governos a criar campos de refugiados em países antes refratários a toda medida humanitária. Mais de uma vez conseguira reunir inimigos mortais na mes-

ma mesa, sem entretanto chegar a um acordo de paz entre eles. Sua tese sobre a violência era leitura obrigatória nos cursos de sociologia e de relações internacionais das melhores universidades. Nem por isso ele se ofendeu com os conselhos práticos, para neófitos, do manual básico de sobrevivência que o diretor lhe entregara — da utilidade dos lenços higiênicos às amputações e autoamputações, passando pelas “amizades circunstanciais forjadas no medo”. Depois de examinar o manual, o Rato sorriu, agradeceu e disse ao diretor que teria tempo de sobra para lê-lo durante o voo. Não dormia em aviões.